

Sem resultado reuniões de ESTADO DE SÃO PAULO endividados

3* DEZ 1961

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Quem estiver imaginando que as reuniões de cúpula, quase simultâneas, dos países endividados da América Latina e da África, em Acapulco e Abidjã, contribuíram para avançar significativamente o processo de negociação da dívida, está muito enganado.

Os comunicados finais dos dois encontros não parecem destinados a tirar o sono dos credores, que continuam não aceitando algumas das principais recomendações. Os africanos, que representam uma dívida de US\$ 200 bilhões, reivindicam, entre outras coisas, a limitação do serviço da dívida a uma porcentagem aceitável das receitas de exportação, suspensão dos pagamentos por dez anos e reescalamento global num prazo de 50 anos. Poucos são os que acreditam que alguns desses itens possam ser examinados pelos credores.

Quanto aos latino-americanos, com uma dívida de US\$ 380 bilhões, áreas bancárias francesas aplaudiram o tom da declaração final definindo-a como "moderada e razoável". Um deles chegou a falar em posição "pragmática e responsável" de alguns países, citando o caso do Brasil, que promete atacar o mal pela raiz, reduzindo suas despesas públicas e anunciando uma importante reforma fiscal, alfas na linha das recomendações do FMI.

Os banqueiros esperam apenas que o Brasil possa adotar medidas para estancar seu processo inflacionário, que voltou a disparar. Se tudo isso ocorrer, eles acreditam que inevitavelmente poderá se chegar até a avaliação dos créditos bancários em função do preço de mercado. Mas, fora disso, tudo continua como antes. Os bancos não abrem mão do papel que o FMI vem desempenhando até aqui, tratando caso por caso com os países devedores e ligando os reescalamentos à aplicação de programas de ajustamentos econômicos internos. Assim sendo, os discursos de Abidjã e Acapulco em nada modificaram a posição dos credores, públicos e privados, em relação à dívida dos países em desenvolvimento.

Não há nenhuma preocupação nova em relação a eventual formação de uma "frente dos endividados", pelo menos a curto prazo, acreditando-se que essa idéia terá ainda um longo caminho pela frente. Certos banqueiros franceses reconhecem, entretanto, como ponto positivo, o fato de os países da América Latina e África terem-se reunido para tratar desse problema.

Pelo menos essa é uma vantagem em relação aos países industrializados que não conseguiram ainda chegar a um acordo para reunir o Grupo dos Sete, apesar das insistentes solicitações da França para pôr ordem no sistema monetário internacional e estancar a queda do dólar. No que diz respeito à coordenação internacional, os países em desenvolvimento ganharam pontos no México e na Costa do Marfim.